

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

LÍVIA DA SILVA INÁCIO

UM SONHO POSSÍVEL: REVOLUÇÃO E UTOPIA NA POESIA DE GIOCONDA BELLI

CURITIBA

2019

LÍVIA DA SILVA INÁCIO

UM SONHO POSSÍVEL: REVOLUÇÃO E UTOPIA NA POESIA DE GIOCONDA BELLI

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano da Silva

CURITIBA

2019

UM SONHO POSSÍVEL: REVOLUÇÃO E UTOPIA NA POESIA DE GIOCONDA BELLI

por

LÍVIA DA SILVA INÁCIO

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida – orientador

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima – avaliador

Profa. Dra. Maurini de Souza – avaliadora

A folha de aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso.

RESUMO

INÁCIO, Livia da Silva. Um sonho possível: revolução e utopia na poesia de Gioconda Belli. 30 f. Monografia (Especialização Em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de pós-graduação, Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2019.

Entre as décadas de 1960 e 1990, um sentimento de utopia bem particular criava força na América Latina. Enquanto sofria as consequências de um imperialismo que o assolou, o continente vivenciava revoluções socialistas por toda parte pautadas na chamada eucronia, o sonho de um mundo ideal circunscrito no tempo, mais especificamente, no porvir. Na Nicarágua, que passou por um processo revolucionário em 1979 (a Revolução Sandinista), ecos dessa ideia podem ser identificados em poemas da militante e poeta Gioconda Belli. Esse artigo parte de três textos da autora, publicados em três livros antes, durante e depois da revolução, para compreender em que medida sua obra serve de porta-voz e registro do sentimento de utopia que imperava em seu país na segunda metade do século passado.

Palavras-chave: Poesia nicaraguense; poesia de autoria feminina; poesia revolucionária; Gioconda Belli.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. GIOCONDA BELLI E A EUCRONIA	8
3. ANÁLISE LITERÁRIA.....	12
3.1 UNO NO ESCOGE E A POESIA DE PALANQUE	12
3.2 HASTA QUE SEAMOS LIBRES E O CONCEITO DE CORPO-NAÇÃO	14
3.3 LOS PORTADORES DE SUEÑOS E A MÍSTICA REVOLUCIONÁRIA.....	18
4.CONCLUSÃO.....	21
5.REFERÊNCIAS.....	21
6.ANEXOS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Metade da população nicaraguense enfrenta a extrema pobreza. O país da América Central tem hoje uma minoria de 200 cidadãos que são donos de um patrimônio quase três vezes maior do que a produção anual da Nicarágua. Nas mãos do governo conservador de Daniel Ortega (que um dia sustentou uma posição revolucionária), a nação, que, nos anos 1970, viu cristãos e ateus lutarem do mesmo lado, é a síntese do fracasso para a maior parte dos militantes que combateram a ditadura militar ali.

O panorama ajuda explicar o ceticismo político e ideológico que paira entre espaços da esquerda. Acordos neoliberais, denúncias massivas de corrupção e repressão policial são alguns dos pontos que aproximam a Nicarágua de países como Brasil e Venezuela. Cada qual em seu contexto, todos sonharam com projetos socialistas – depois entregues a governos de conciliação com a burguesia marcados por muita corrupção e sistemas de repressão da oposição interna.

Na Nicarágua, uma frente de esquerda, a Sandinista, lutou durante anos pela derrubada de uma ditadura financiada pelos Estados Unidos. O movimento era inspirado nos ideais do líder Augusto César Sandino, morto após liderar uma rebelião contra o governo antidemocrático da família Somosa no início do século XX. Em meio à pobreza e entraves na economia nacional, o imaginário revolucionário ganhou adesão popular e, mediante a fragilidade dos militares, que, no fim dos anos 1970, perderam o apoio estadunidense, a esquerda organizou uma revolução e tomou o poder.

Movimentos de oposição ferrenha (impulsionados pela caça ideológica aos comunistas) transformaram o país em uma verdadeira guerra durante as duas décadas que seguiram à Revolução Sandinista, consolidada em 1979. Até que em 1990, a esquerda perdeu nas urnas. Um sandinista (Daniel Ortega) só voltaria ao poder em 2007, por meio de uma aliança com um vice-candidato banqueiro e membro da oposição ao movimento revolucionário.

Ao se unir a Jaime Morales, o líder da esquerda Daniel Ortega chegou à presidência arrastando consigo um pouco mais da alcunha de traidor que há tempos já carregava. O momento foi um bom exemplo do cenário pessimista que tem ofuscado os grandes sonhos revolucionários construídos ao longo da segunda metade do século passado. Era o tempo

em que ideais de justiça e revolução ganhavam o mundo. E a poesia guarda importantes registros desse momento.

Acreditamos que a obra da poeta Gioconda Belli, dirigente do movimento sandinista e posteriormente do Estado revolucionário nicaraguense, oferece um panorama privilegiado desse trajeto, mediante um sentimento que imperava à época em várias partes da América Latina: uma espécie de utopia inscrita no tempo, também chamada de eucronia.

Diante disso, escolhemos três poemas – *Uno no escoge*, *Hasta que seamos libres* e *Los portadores de sueños* – para apresentar traços de eucronia na poesia de Belli antes, durante e depois da tomada do poder pelo movimento nacionalista. Procuraremos analisar de que forma eles são capazes de refletir o espírito revolucionário do momento e as aspirações da base social em movimento a partir de um conceito de utopia muito comum na América Latina à época.

2. GIOCONDA BELLI E A EUCRONIA

Gioconda Belli é uma das principais vozes revolucionárias nicaraguenses, que é permeada por um extremo otimismo. Também conhecida por sua poesia erótica, a poeta é uma das mais importantes escritoras da Nicarágua e integrou a liderança do movimento sandinista – uma das poucas mulheres da história que participaram ativamente de uma revolução socialista no século XX.

Nascida em uma família burguesa em Manágua, na Nicarágua, a poeta teve acesso a uma formação acadêmica privilegiada, graduando-se em publicidade e jornalismo na Filadélfia, nos Estados Unidos. De volta a seu país, nos anos 1970, ingressa no movimento revolucionário da Nicarágua, integrando a liderança da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). A poesia e a revolução passam a ser aspectos indissociáveis em sua história, conforme a própria poeta conta em sua biografia *O país sob minha pele*:

A euforia da vida encontrou seu canal na poesia. Apropriar-me de meus plenos poderes de mulher levou-me a sacudir a impotência diante da ditadura e da miséria. Não pude continuar acreditando que mudar essa realidade era impossível. Possuí-me um estado de ebulição. Meu corpo celebrava sua afirmação (BELLI, 2002, p. 62).

Belli foi uma das primeiras guerrilheiras a estarem no topo da Frente Sandinista já que o primeiro registro de mulheres na incorporação no serviço militar FSLN data de 1967: “naquele momento, havia apenas um guerrilheiro do sexo feminino com a FSLN, Gladys Baez. Ela escapou da morte [...] só porque estava se recuperando em Manágua das torturas da Guarda Nacional” (CHINCHILLA, 1993, p. 325).

Em verso e prosa, a poeta registra de maneira contundente a atmosfera de esperança e luta bem comum no fim do último século na América Latina. A ideia de insatisfação, busca e sonho ganham contornos de utopia sob diferentes dimensões, mas, sobretudo, no que tange ao tempo. Partimos de uma conceituação da utopia, que, para além do sentido construído por Thomas More, tem ao menos quatro abordagens, conforme explica Fátima Vieira (2010):

o conceito de sociedade imaginada (ou seja, a identificação dessa sociedade com a ideia de “bom lugar”, noção que deve ser eliminada, pois se baseia em uma concepção subjetiva do que é ou não desejável e concebe

utopia como sendo essencialmente uma oposição à ideologia predominante); a forma literária na qual a imaginação utópica foi cristalizada (que é uma maneira muito restrita de definir utopia, pois exclui um número considerável de textos claramente utópicos em certos aspectos mas que não se encaixam totalmente ao modelo de narrativa estabelecido por More); a função de utopia (ou seja, o impacto que esta causa ao leitor, exigindo dele uma ação, uma definição que deve ser rejeitada, pois leva em conta apenas a utopia política); o anseio por uma vida melhor, gerado por um sentimento de descontentamento em relação à sociedade em que se vive (utopia é vista como uma questão de atitude).

O aspecto utópico identificado nos poemas de Belli tem muito a ver com a última definição. Foram os tempos de guerra, o colonialismo feroz, a miséria e a desigualdade que, em choque com a difusão do pensamento socialista durante o período da Guerra Fria, se fundiram em um desejo generalizado de mudança, de um lugar melhor, de uma realidade que poderia, sim, ser alcançada. Isso tudo influenciou uma geração de escritores.

O fenômeno estava em boa medida associado a uma busca crescente pela independência econômica e cultural latino-americana. Santiago (2017) lembra que foi por volta dos anos 1940 que os países da América colonizados por espanhóis passaram a reivindicar uma voz autônoma a partir de análises históricas fundamentais para a construção de uma perspectiva crítica com relação à metrópole. “São Notórios os trabalhos de Sarmiento, na Argentina, Vitório Lastarria, sobre o Chile, Andrés Bello, sobre a Venezuela, José Maria Luiz Moura, sobre o México, e de José Antônio Saco, sobre Cuba” (2017, p. 29).

Cabe também mencionar, acerca desse contexto, a publicação de *As veias abertas da América Latina*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, em 1971. Na obra, as bases da desigualdade e da pobreza latentes na América Latina são associadas ao caráter de colônias duramente exploradas desses territórios. Interessante mencionar que Galeano, também autor de obras literárias, carregava em suas produções a utopia identificada na poesia de Belli, também chamada de utopia crítica, alterglobalizadora ou revolucionária. Conforme explica Palomar (2015, p. 8):

Galeano, que tiene un espíritu muy crítico, defiende una utopía no mitificada, es decir, propugna la rehabilitación crítica de la utopía, frente a quienes la han desterrado, e incluso la han dado por muerta. Ahora bien, en este período de tiempo vital de Galeano, hay dos personajes históricos a quienes valora extraordinariamente, por su vinculación con la utopía revolucionaria: me refiero a Ernesto Che Guevara y al Subcomandante Marcos, actualmente Subcomandante Insurgente Galeano (14), la cara más visible, valga la paradoja, del EZLN. Por lo

tanto, si Galeano ha luchado siempre por la “rehabilitación crítica de la utopía”, a veces un tanto desprestigiada, hay que aclarar cuáles son los elementos fundamentales de la misma:1. La utopía crítica de Galeano posee las habituales características generales de las diferentes definiciones del término. Estas características generales son, según Juan José Tamayo (15), las siguientes: “insatisfacción personal y colectiva ante la realidad; análisis crítico de las disfunciones sociales; rebelión contra el orden social existente por considerarlo injusto; propuesta de una realidad liberada de opresiones; programa de acción para transformar la realidad.

Integrante dos círculos de intelectuais e guerrilheiros que partilhavam do espírito utópico nicaraguense, Gioconda Belli sente todo esse anseio revolucionário, tornando-se importante porta-voz dele. Boa parte dos seus textos aludem a um sentimento coletivo de utopia que transpõe um paraíso imaginário para um futuro não muito distante: o futuro pós-revolução.

O fenômeno se aproxima do movimento que ocorreu durante as Revoluções Francesa e Industrial. Voltando-se para a materialidade do progresso burguês, a Europa passou a cultivar a ideia de que o paraíso poderia não estar tão distante, que um mundo melhor era possível aqui mesmo, bastaria brigar por ele. Como bem define Roemer (2010), “os mundos alternativos propostos eram cada vez menos ‘em outro lugar’ e cada vez mais localizados no ‘por vir’”. A essa extensão da utopia inscrita no tempo costuma se chamar eucronia. Vieira (2010) lembra que, em pleno iluminismo:

A eucronia atingiu uma dimensão histórica ao privilegiar a noção de tempo e oferecer uma visão de futuro. Dessa forma, a história passava a ser vista como um processo de progresso infinito, e a utopia, sob o espírito da eucronia, era apresentada como uma representação sincrônica de um dos elos do progresso. [...] Ao projetar a sociedade ideal no futuro, o discurso utópico enunciava uma lógica de causalidade que pressupunha que certas ações (notadamente de natureza política) pudessem garantir as mudanças necessárias para possibilitar a existência da sociedade imaginada. Assim, as utopias tornaram-se dinâmicas e promoveram a ideia de que o homem tem um papel a realizar na vida.

Embora tenha tido grande importância durante a ascensão do ideário burguês, ela reaparece moldada pelas aspirações sociais e ideológicas das últimas décadas do século XX. De maneira cíclica, a eucronia se repete, ressurgindo conforme o mundo se reconfigura e novos contextos históricos apontam a possibilidade de uma vida melhor, mais justa e mais digna. Foi assim a partir de meados dos anos 1960. Vieira reforça que, nesse momento, a utopia surge mais branda, sem a busca efusiva pelo mundo perfeito, e rápida. É o que ela define como utopia crítica:

houve um momento de confiança muito breve, no final da década de 1960 e na década de 1970, que estava claramente ligado ao movimento dos estudantes de maio de 1968. Durante esses poucos anos, a utopia foi alimentada pela esperança de mudança apresentada por especialistas em ecologia, por feministas e pelas novas esquerdas. Ainda assim, esses escritos eucrônicos já revelavam uma atitude diferente em relação ao pensamento utópico, apresentando visões de um futuro melhor, mas de modo algum um futuro perfeito. A consciência das falhas existentes em sociedades imaginadas teve, porém, uma intenção positiva: visava fazer os leitores continuarem a procurar alternativas. Por isso, eles vieram a ser chamados de utopias críticas (VIEIRA, 2010).

São ecos desse período de sonho que podem ser identificados em parte da poesia de Belli. Para apresentar esse caráter utópico nos textos, faremos a análise de três poemas publicados entre 1974 e 1986, nos livros “De la costilla de Eva”, “Sobre la grama” e “Linea de fuego”.

3. ANÁLISE LITERÁRIA

Os três poemas escolhidos para análise são ícones de três diferentes fases do processo revolucionário da Nicarágua: o primeiro concerne a um momento em que se sonhava com a revolução; o segundo, publicado às vésperas da tomada do poder pela esquerda nicaraguense, carrega um teor de otimismo rumo à construção de um país mais justo; o terceiro, publicado sete anos após o êxito da Revolução Sandinista, é uma espécie de “epopeia” da revolução e celebra sob um viés mítico a chegada da esquerda ao poder e a consolidação de um novo tempo – embora ela tenha se configurado como uma promessa de igualdade e justiça que não se cumpriu.

3.1 *UNO NO ESCOGE* E A POESIA DE PALANQUE

Lançado em 1974, o livro *Sobre la grama* foi o que apresentou a poeta Gioconda Belli para a América Latina. Uma apresentação ilustre, aliás. Aos 20 anos, a nicaraguense foi aclamada com o Prêmio Mariano Fiallos Gil, da Universidade Nacional Autónoma de Nicarágua (UNAM), o mais importante prêmio de poesia da época. As principais temáticas da coletânea eram a paixão e o erotismo. Entretanto, sua condição de militante e de mulher que ansiava por um país mais justo aparece em poemas como “Uno no escoje”.

Em tom de folheto, o texto anuncia a necessidade de uma revolução e conclama o povo a se movimentar. Conforme conta em sua biografia “O país sob minha pele”, Belli se descobriu militante e poeta quase que simultaneamente. Essas duas frentes culminaram em uma literatura engajada que refletia o espírito utópico de um tempo de luta e esperança, que pode ser identificado em *Uno no escoje*:

Uno no escoje el país donde nace
 Pero ama el país donde ha nacido.
 Uno no escoje el tiempo para venir al mundo
 Pero debe dejar huella de su tiempo.
 Nadie puede evadir su responsabilidad.
 Nadie puede taparse los ojos, los oídos,
 Enmudecer y cortarse las manos.
 Todos tenemos un deber de amor que cumplir,
 Una historia que nacer
 Una meta que alcanzar.

Breve, o poema pode ser dividido em três fases marcadas por três anáforas. A primeira, caracterizada pela repetição do “Uno no escoje”, a segunda, pela repetição do

“Nadie pode” e a terceira pela repetição de “Una”. Juntas, as três etapas que, gradativamente ganham mais força, compõem uma ascensão rítmica que lembra o tom sedutor praticado em um palanque político, um tom de convite, produzido para prender a atenção e levar o público não apenas à comoção, mas também ao movimento.

Essa cadência construída pela via da repetição povoa os guias de oratória. Em um manual desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Lacerda (2013, p. 12) lembra que a repetição é um bom mecanismo porque “em muitas alocações há pontos importantes a enfatizar. Insistir neles, repisá-los de diversas formas, muitas vezes é um recurso útil que enfeita o discurso e ajuda a produzir o resultado desejado”.

Sobre o ritmo criado pela boa oratória, o especialista orienta ainda que “há que dar cor ao discurso, elevar e abaixar o tom da fala, mudar a velocidade e tom” (LACERDA, 2013, p. 6). Tal alternância é identificada em “Uno no escoje”, o que nos leva a associá-lo a um discurso oral comum em um palanque. Ambrose (2017) refere-se a essas formas de alternância como inflexões e explica que existem quatro tipos dela:

ascendente, descendente, circunflexa ascendente e circunflexa descendente. As inflexões descendentes são usadas no final da maioria das sentenças, com um tom de autoridade e imposição. Já as ascendentes expressam dúvidas, sugerem uma ideia inacabada ou pedem um sim ou não como resposta. Os tipos circunflexos de inflexão podem incluir padrões ascendentes e descendentes, e são usados para informar ao ouvinte de que o orador está dando uma pausa, mas ainda não completou a ideia.

A anáfora presente em “Uno no escoje” e “Nadie puede” enfatiza pronomes que abarcam o povo, convertendo o conjunto dos versos em uma convocação assertiva para a luta. A abordagem reproduz um discurso comum entre os guerrilheiros, que tinham na revolução socialista um caminho que deveria estar a cargo de todos.

Ao chegar ao antepenúltimo verso, a ausência de repetição muda o ritmo do texto, deixando-o mais tranquilo. A anáfora, diferentemente do que acontece nos demais versos, não introduz as estrofes, mas as conclui – e também o poema. Assim, constrói-se um tom de comoção e reticência, sintetizando, numa inflexão descendente, todo o poema em tom de deixa, como se dissesse: “Isso tudo ainda não acabou, agora é com vocês”. Uma espécie de *call to action* revolucionário e propositalmente poético – pensado para comover. Além disso, dever, meta e enfrentamento são imagens que remetem ao soldado que crê em uma causa. Ideia, então, muito disseminada em falas públicas a cujo tom o texto alude.

Nitidamente, o poema se pretende uma ferramenta de mobilização. Não apenas fala de luta, mas se coloca como instrumento dessa luta ao nascer como folheto-convite, como discurso inflamado e convidativo. Nesse sentido, forma e conteúdo se fundem em prol de um objetivo: a mobilização popular por um mundo melhor aqui mesmo, em um tempo em que se superem as mazelas do capital.

3.2 HASTA QUE SEAMOS LIBRES E O CONCEITO DE CORPO-NAÇÃO

O ano de 1978 foi um dos mais duros para os militantes do movimento sandinista. Não por acaso, muitos precisaram deixar seu país. Exilada em Cuba, Gioconda Belli transcreve esse momento em versos publicados em *Linea de Fuego*, obra que expressa sua luta e o sonho por uma América Latina livre da exploração e da pobreza. A obra, aclamada com o Prêmio Casa de las Américas, é dividida em três partes: *Patria o muerte* (que fala sobre sua luta política), *Acero* (que perpassa aspectos como amor em tempos de guerra) e *A Sergio* (uma coletânea de poemas de amor dedicada a seu marido). *Patria o muerte* é o trecho em que se concentra o cerne utópico da obra.

Em sua biografia, Belli conta que um dos maiores trunfos de ter recebido o prêmio pela obra foi poder falar do sonho da revolução nicaraguense para o mundo.

O prêmio foi uma feliz surpresa. Naquele momento também o considerei útil. Minha notoriedade vinha em boa hora. Abria-me portas e espaços para falar da luta na Nicaraguá. [...] Somente anos mais tarde, quando aceitei e assumi a poesia como ofício, compreendi a relação entre o raio da inspiração e o poeta como fazedor e artesão. Mas nesse momento eu abandonava minha função de pára-raios celeste. Fazia poesia com a minha mão esquerda, e o mérito que realmente me interessava era o de minha atividade política. Minha identidade fundamental era ser sandinista; ser poeta era um dom conveniente, um talento valioso e útil para a luta política” (BELLI, 2002, p. 220-221).

O anseio por um país mais justo em um futuro pós-revolução é mencionado sob uma perspectiva coletiva – a revolução, nesse sentido, é um sonho de todos. Nota-se, por exemplo, predominância do uso da primeira pessoa do plural, a começar pelo título do poema "Hasta que seamos libres". Esse carrega muito do espírito eucrônico do período pré revolucionário nicaraguense.

O poema, escrito em plena efervescência do movimento sandinista, carrega muita emoção e, em primeira pessoa, converte o eu-lírico em um “corpo-nação”, que sonha, luta

e busca justiça coletivamente. A princípio, o eu-lírico se manifesta na primeira pessoa do singular, descrevendo de que maneira um corpo é tomado pelo sonho de um país mais justo – até fundir-se com a geografia do lugar.

Ríos me atraviesan,
 montañas horadan mi cuerpo
 y la geografía de este país
 va tomando forma en mí,
 haciéndome lagos, brechas y quebradas,
 tierra donde sembrar el amor
 que me está abriendo como un surco,
 llenándome de ganas de vivir
 para verlo libre, hermoso,
 pleno de sonrisas.

Em um segundo momento, o eu-lírico passa a se manifestar na primeira pessoa do plural. Isso porque um corpo, após tornar-se um corpo nação arrebatado pelo sonho de um país ideal localizado no porvir contagia outros corpos com essa perspectiva ao sugerir uma explosão de amor e um canto contagiante.

Quiero explotar de amor
 y que mis charneles acaben con los opresores
 cantar con voces que revienten mis poros
 y que **mi canto** se contagie;
 que todos **nos enfermemos** de amor,
 de deseos de justicia,
 que todos empuñemos el corazón
 sin miedo de que no resista

No coletivo, esse corpo-nação torna-se ainda mais forte, resistente às mais cruéis adversidades (como o próprio exílio que Belli sofria no tempo em que escreveu o livro) e com coração que bate cada vez mais alto, ao ponto de ensurdecer o inimigo. No trecho “mas fuerte/más fuerte/mas fuerte”, há uma cadência na repetição, que alude a batidas do coração cuja força aumenta.

porque un corazón tan grande como el nuestro
 resiste la más crueles torturas
 y nada aplaca su amor devastador
 y de latido en latido
 va creciendo,
 más fuerte,
 más fuerte,
 más fuerte,

ensordeciendo al enemigo

Um ponto persistente no poema é a importância que o eu-lírico dá à expansão do ideal revolucionário. O corpo-nação só se fortalece a medida em que a perspectiva revolucionária se alastra – e de forma tão intensa que se torna hegemônica entre o povo. Essa visão tem muito a ver com a ideia de hegemonia de Gramsci, para quem uma revolução eficaz só seria possível mediante um consentimento ideológico da classe trabalhadora, ou seja, o sonho revolucionário precisaria ser hegemônico. “Gramsci destaca a importância de formar uma classe dirigente que se mantenha pelo consentimento das massas e não apenas pela força coercitiva” (ALVES, 2010, p. 76).

As ideias de Gramsci foram fundamentais para o ideário da esquerda revolucionária latino-americana da segunda metade do século XX. Cássio Augusto S. A. Guilherme, que estudou a recepção de Gramsci na América Latina em três fases do século passado explica que “o final da década de 1970 é significativo para a expansão do pensamento gramsciano pelo continente latino-americano” (GUILHERME, 2008, p. 6). Em “Hasta que seamos libres”, essa visão é bem presente. O sonho só é possível, o corpo-nação só ganha força quando o povo se alinha sob o mesmo ideal.

Às vésperas de uma das mais emblemáticas revoluções socialistas da América Latina, a insistência do eu-lírico no verbo “resistir” é coerente com o sentimento de esperança que era forte no momento e se tornava cada vez mais hegemônico entre a população da Nicarágua – hegemônico o bastante para fortalecer a perspectiva revolucionária e ascendê-la ao poder no ano seguinte.

que lo oye brotar de todas las paredes,
lo ve brillar en todas las miradas
lo va viendo acercarse
con el empuje de una marea gigante
en cada mañana en que el pueblo se levanta
a trabajar en tierras que no le pertenecen,
en cada alarido de los padres que perdieron a sus hijos,
en cada mano que se une a otra mano que sufre.
Porque la fuerza de este amor
lo irá arrollando todo
y no quedará nada

A integração latino-americana também é uma pauta que integra o ideário da esquerda no período e aparece no poema.

hasta que no se ahogue el clamor de nuestro pueblo
 y gritos de gozo y de victoria
 irrumpen en las montañas,
 inunden los ríos,
 estremezcan las ramas de los arboles.
 Entonces,
 iremos a despertar a nuestros muertos
 con la vida que ellos nos legaron
 y todos juntos cantaremos
 mientras conciertos de pájaros
 repiten nuestro mensaje
 en todos
 los confines
 de América.

Nesse sentido, o sonho revolucionário tinha por propósito não apenas consolidar a vitória popular dentro de uma nação, mas disseminá-la como inspiração – assim qual aconteceu em Cuba. A propósito, um dos poemas de *Linea de fuego*, *Ché*, faz alusão a um dos principais símbolos da revolução cubana, apontando que o sonho revolucionário era uma ideia forte em toda a América Latina.

Ché
 ¿Si el poeta eres tú, qué puedo yo decirte comandante?
 ¿Qué puedo yo decirte, comandante?,
 todavía guarda mi memoria tus fotos en Bohemia "Edición del Triunfo".

Tu cara hermosa y risueña.
 Qué hermoso sos, comandante,
 un hombre con cara de futuro, un hombre grande,
 lleno de alegría y victoria.

¿Qué puedo yo decirte, comandante,
 si vos sos el poeta de la flor
 y el mate del tiempo detenido
 en una ráfaga de metralla que canta?

Os versos sintetizam na figura de Ernesto Che Guevara, a imagem do futuro almejado pela Nicarágua. Um futuro feliz, charmoso, risonho tal qual o rosto do comandante cujas fotos se transformam em símbolos de esperança. O eu lírico conclui sua homenagem ao líder guerrilheiro idealizando a revolução armada.

3.3 LOS PORTADORES DE SUEÑOS E A MÍSTICA REVOLUCIONÁRIA

Publicado em 1986, sete anos após a consolidação da Revolução Sandinista, *De la costilla de Eva*, o quinto livro de Gioconda Belli carrega uma perspectiva mítica, que retoma a mulher ancestral e se configura como uma das mais importantes obras da autora no que tange à sua poesia erótica e feminista.

É também sob essa abordagem quimérica que, em *Los portadores de sueños*, Belli perpassa o viés revolucionário após a revolução. O poema é uma espécie de alegoria festiva da recém-consolidada revolução socialista nicaraguense. Após o sucesso dos sandinistas, um clima de esperança toma conta do país e é como se o mundo melhor circunscrito no tempo estivesse finalmente chegado pelas mãos dos portadores de sonhos – uma geração que, em vez de se prender ao materialismo e à manipulação capitalista, nunca deixou de sonhar e logrou êxito, a despeito de toda desconfiança e descrédito que sofreu.

los llamaron ilusos, románticos, pensadores de
 utopías
 dijeron que sus palabras eran viejas
 y, en efecto, lo eran porque la memoria del paraíso
 es antigua
 el corazón del hombre.

Em tom mítico, o poema remonta aos primórdios do mundo e se refere a uma geração de sonhadores como um grupo especial, que não hesitou em lutar pela construção de uma realidade mais justa – mesmo mediante perseguições - até porque era temida pelos “acumuladores de riquezas”, os capitalistas.

En todas las profecías
 está escrita la destrucción del mundo.
 Todas las profecías cuentan
 que el hombre creará su propia destrucción.
 Pero los siglos y la vida
 que siempre se renueva
 engendraron también una generación
 de amadores y soñadores,
 hombres y mujeres que no soñaron
 con la destrucción del mundo,
 sino con la construcción del mundo
 de las mariposas y los ruiseñores.
 Los acumuladores de riquezas les temían

lanzaban sus ejércitos contra ellos

O poema, que celebra a vitória de uma revolução, de uma felicidade emergente e da promessa de um futuro ideal que, na visão dos sandinistas, começava a nascer, também menciona de maneira alegórica os percalços dos revolucionários: o caminho árduo, de um ideário submetido a perseguições bélicas, de políticos e veículos de comunicação de massa. Nesse contexto, socialistas eram demonizados e, como em quase todos os períodos da história, apontados como grandes ameaças.

Son peligrosos - imprimían las grandes
rotativas
Son peligrosos - decían los presidentes
en sus discursos
Son peligrosos - murmuraban los artífices de la guerra.

Hay que destruirlos - imprimían las grandes
rotativas
Hay que destruirlos - decían los presidentes en sus
discursos
Hay que destruirlos - murmuraban los artífices de la guerra.

Los portadores de sueños conocían su poder
por eso no se extrañaban
también sabían que la vida los había engendrado
para protegerse de la muerte que anuncian las
profecías
y por eso defendían su vida aun con la muerte.

pero los portadores de sueños todas las noches
hacían el amor
y seguía brotando su semilla del vientre de ellas
que no sólo portaban sueños sino que los
multiplicaban
y los hacían correr y hablar.
De esta forma el mundo engendró de nuevo su vida
como también había engendrado
a los que inventaron la manera
de apagar el sol.

(...)

Los portadores de sueños sobrevivieron a los
climas gélidos
pero en los climas cálidos casi parecían brotar por
generación espontánea.
Quizá las palmeras, los cielos azules, las lluvias
torrenciales
Tuvieron algo que ver con esto,
La verdad es que como laboriosas hormiguitas

estos especímenes no dejaban de soñar y de construir
hermosos mundos,
mundos de hermanos, de hombres y mujeres que se
llamaban compañeros,
que se enseñaban unos a otros a leer, se consolaban
en las muertes,
se curaban y cuidaban entre ellos, se querían, se
ayudaban en el
arte de querer y en la defensa de la felicidad.

Percebe-se, por fim, que o eu lírico, que, em terceira pessoa, narra um processo revolucionário sob uma alegoria mítica, também menciona de que maneira o ideal de revolução foi se tornando hegemônico - por meio do amor que fazia alastrar uma semente de sonho e esperança.

4. CONCLUSÃO

A segunda metade do século XX foi marcada por uma ebulição social intensa na América Latina. Movimentos latino-americanos de base socialista dinamizaram a geopolítica regional e, em alguns casos, também forjaram revoluções, como ocorreu em Cuba, em 1959, e na Nicarágua, em 1979. Fortemente influenciada pelas revoluções que ocorreram no restante do mundo em meio a Guerra Fria e as críticas pós-coloniais que questionavam as condições de pobreza e desigualdade em várias regiões do mundo, a América Latina vivenciou um período de sonho, pautado na busca por um mundo melhor.

Esse espírito utópico pautado na busca por um mundo melhor inscrito em um tempo futuro foi bem definido por Fátima Vieira como eucronia. Aspectos dessa eucronia aparecem na produção literária latino-americana – a exemplo dos poemas revolucionários da poeta e militante nicaraguense Gioconda Belli. Em poemas publicados antes, durante e após a revolução socialista na Nicarágua, guardam vestígios da eucronia que impulsionou e deu voz ao movimento popular que derrubou a direita. Operar essa análise 40 anos após a revolução nicaraguense permite um balanço histórico importante à luz da literatura, que se revela capaz de registrar a dimensão simbólica de uma época.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010.
- AMBROSE, Kristy. **O que é inflexão na voz?** Disponível em: https://www.ehow.com.br/inflexao-voz-info_33040/ Acesso em: 20 out 2019.
- AZEVEDO, Wagner Fernandes de. Nicarágua. **O que se tem no governo hoje é a traição política do sandinismo”**. Entrevista especial com Fábio Régio Bento. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578292-nicaragua-o-que-se-tem-no-governo-hoje-e-a-traicao-politica-do-sandinismo-entrevista-com-fabio-regio-bento> Acesso em: 20 out 2019.
- BELLI, Gioconda. **O país sob minha pele: Memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **Sobre la grama**. Manágua: Anamá ediciones, 2014a.
- _____. **Línea de fuego**. Manágua: Anamá ediciones, 2014b.
- _____. **De la costilla de Eva**. Manágua: Anamá ediciones, 2014c.
- COLOMBO, Sylvia. **Gioconda Belli quer “recosturar” ligação entre política e literatura**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0902200219.htm> Acesso em: 20 out 2019.
- DUTERME, Bernard. **Nicarágua: o que resta do sandinismo?** Disponível em: <https://diplomatie.org.br/nicaragua-o-que-resta-do-sandinismo/> Acesso em: 20 out 2019.
- GALVE, Fernanda Rodrigues. O Desejo e a Revolução na poesia de Gioconda Belli (Nicarágua). Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434319059_ARQUIVO_anpuhGiocondaBelli.pdf Acesso em: 20 out 2019.
- GUILHERME, Cassio Augusto S. A. **Gramsci na América Latina: história de uma recepção**. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/cassio_augusto.pdf Acesso em: 20 out 2019.
- LACERDA, Gabriel. **Oratória**. Disponível em: https://diretorio.fgv.br/sites/diretorio.fgv.br/files/u100/oratoria_2015-2.pdf Acesso em: 20 out 2019.
- SÁ, Alexandre Franco de. **Das utopias modernas à ucronia contemporânea**. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32070/1/19.pdf> Acesso em: 20 out 2019.
- VIEIRA, Fátima. **The concept of utopia**. In: CLAEYS, Gregory. The Cambridge Companion to Utopian literature. Cambridge: 2010, p. 3-27. Trad. Marcelo Lima.
- VIEIRA, Fatima. **Looking Backward e News from Nowhere: eucronia e identidade nacional**. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23478/2/fatimavieiralooking000095661.pdf> Acesso em: 15 out 2019

6. ANEXOS

ANEXO A – Uno no escoge

Uno no escoge el país donde nace;
Pero ama el país donde ha nacido.

Uno no escoge el tiempo para venir al mundo;
Pero debe dejar huella de su tiempo.

Nadie puede evadir su responsabilidad.

Nadie puede taparse los ojos, los oídos,
Enmudecer y cortarse las manos.

Todos tenemos un deber de amor que cumplir,
Una historia que nacer
Una meta que alcanzar.

No escogimos el momento para venir al mundo:
Ahora podemos hacer el mundo
En que nacerá y crecerá
La semilla que trajimos con nosotros.

ANEXO B – Hasta que seamos libres

Ríos me atraviesan,
montañas horadan mi cuerpo
y la geografía de este país
va tomando forma en mí,
haciéndome lagos, brechas y quebradas,
tierra donde sembrar el amor
que me está abriendo como un surco,
llenándome de ganas de vivir
para verlo libre, hermoso,
pleno de sonrisas.

Quiero explotar de amor
y que mis charneles acaben con los opresores
cantar con voces que revienten mis poros
y que mi canto se contagie;
que todos nos enfermemos de amor,
de deseos de justicia,
que todos empuñemos el corazón
sin miedo de que no resista
porque un corazón tan grande como el nuestro
resiste la más crueles torturas
y nada aplaca su amor devastador
y de latido en latido
va creciendo,
más fuerte,
más fuerte,
más fuerte,
ensordeciendo al enemigo
que lo oye brotar de todas las paredes,

lo ve brillar en todas las miradas
lo va viendo acercarse
con el empuje de una marea gigante
en cada mañana en que el pueblo se levanta
a trabajar en tierras que no le pertenecen,
en cada alarido de los padres que perdieron a sus hijos,
en cada mano que se une a otra mano que sufre.

Porque la fuerza de este amor
lo irá arrollando todo
y no quedará nada
hasta que no se ahogue el clamor de nuestro pueblo
y gritos de gozo y de victoria
irrumpan en las montañas,
inunden los ríos,
estremezcan las ramas de los arboles.

Entonces,
iremos a despertar a nuestros muertos
con la vida que ellos nos legaron
y todos juntos cantaremos
mientras conciertos de pájaros
repiten nuestro mensaje
en todos
los confines
de América.

ANEXO C – Los portadores de sueños

En todas las profecías
está escrita la destrucción del mundo.
Todas las profecías cuentan
que el hombre creará su propia destrucción.

Pero los siglos y la vida
que siempre se renueva
engendraron también una generación
de amadores y soñadores;
hombres y mujeres que no soñaron
con la destrucción del mundo,
sino con la construcción del mundo
de las mariposas y los ruiseñores.

Desde pequeños venían marcados por el amor.
detrás de su apariencia cotidiana
guardaban la ternura y el sol de medianoche.
Las madres los encontraban llorando
por un pájaro muerto
y más tarde también los encontraron a muchos
muertos como pájaros.
Estos seres cohabitaron con mujeres traslúcidas
y las dejaron preñadas de miel y de hijos verdecidos
por un invierno de caricias.
Así fue como proliferaron en el mundo los portadores sueños,
atacados ferozmente por los portadores de profecías
habladoras de catástrofes.
Los llamaron ilusos, románticos, pensadores de utopías
dijeron que sus palabras eran viejas

y, en efecto, lo eran porque la memoria del paraíso es antigua al corazón del hombre.

Los acumuladores de riquezas les temían
lanzaban sus ejércitos contra ellos,
pero los portadores de sueños todas las noches
hacían el amor
y seguía brotando su semilla del vientre de ellas
que no sólo portaban sueños sino que los
multiplicaban y los hacían correr y hablar.
De esta forma el mundo engendró de nuevo su vida
como también había engendrado
a los que inventaron la manera
de apagar el sol.

Los portadores de sueños sobrevivieron a los
climas gélidos pero en los climas cálidos casi parecían brotar por
generación espontánea.

Quizá las palmeras, los cielos azules, las lluvias
torrenciales tuvieron algo que ver con esto,
la verdad es que como laboriosas hormiguitas
estos especímenes no dejaban de soñar y de construir
hermosos mundos,
mundos de hermanos, de hombres y mujeres que se
llamaban compañeros,
que se enseñaban unos a otros a leer, se consolaban
en las muertes,
se curaban y cuidaban entre ellos, se querían, se
ayudaban en el
arte de querer y en la defensa de la felicidad.

Eran felices en su mundo de azúcar y de viento,
de todas partes venían a impregnarse de su aliento,

de sus claras miradas,
hacia todas partes salían los que habían conocido
portando sueños soñando con profecías nuevas
que hablaban de tiempos de mariposas y ruiseñores
y de que el mundo no tendría que terminar en la
hecatombe.

Por el contrario, los científicos diseñarían
puentes, jardines, juguetes sorprendentes
para hacer más gozosa la felicidad del hombre.

Son peligrosos - imprimían las grandes rotativas
Son peligrosos - decían los presidentes en sus discursos
Son peligrosos - murmuraban los artífices de la guerra.
Hay que destruirlos - imprimían las grandes rotativas
Hay que destruirlos - decían los presidentes en sus discursos
Hay que destruirlos - murmuraban los artífices de la guerra.

Los portadores de sueños conocían su poder
por eso no se extrañaban
también sabían que la vida los había engendrado
para protegerse de la muerte que anuncian las
profecías y por eso defendían su vida aun con la muerte.
Por eso cultivaban jardines de sueños
y los exportaban con grandes lazos de colores.
Los profetas de la oscuridad se pasaban noches y días enteros
vigilando los pasajes y los caminos
buscando estos peligrosos cargamentos
que nunca lograban atrapar
porque el que no tiene ojos para soñar
no ve los sueños ni de día, ni de noche.

Y en el mundo se ha desatado un gran tráfico de

sueños que no pueden detener los traficantes de la muerte;
por doquier hay paquetes con grandes lazos
que sólo esta nueva raza de hombres puede ver
la semilla de estos sueños no se puede detectar
porque va envuelta en rojos corazones
en amplios vestidos de maternidad
donde piesecitos soñadores alborotan los vientres
que los albergan.

Dicen que la tierra después de parirlos
desencadenó un cielo de arcoiris
y sopló de fecundidad las raíces de los árboles.
Nosotros sólo sabemos que los hemos visto
sabemos que la vida los engendró
para protegerse de la muerte que anuncian las
profecías.